

POLO DE IMAGEM	DESIGNERS DO BRASIL - PROGRAMA RENATO IMBROISI
-----------------------	---

Entrevistado Depoimento: Renato Imbroisi	Cidade São Paulo	Estado São Paulo	ÁUDIO: XX
EP () São Paulo () SLP()	Direção		Time Code ()Sim (X)Não
Responsável Transcrição Estação História	Data de Transcrição 12 de outubro de 2016		DAT ()Sim (X)Não

00:25 Adélia: e aí...

00:26 Renato Imbroisi: tudo bom Adélia?

Adélia: tudo bom?

Renato Imbroisi: tudo.

00:32 Adélia: que lindo os bordados.

00:35 Renato Imbroisi: então essa é a Casa Bordada. É uma exposição que há três anos eu estou correndo o Brasil inteiro, os 27 estados. A gente está mostrando grupos de bordadeiras atuais que produzem, isso tá sendo produzido no Brasil.

00:53 Adélia: e esses projetos todos você estava envolvido neles?

00:56 Renato Imbroisi: todos eu estou envolvido. Eu fui pessoalmente em todas essas comunidades, encomendei produtos pra serem expostos aqui e, produtos que já são do acervos delas. O cotidiano mesmo de cada um dos grupos que borda a sua história local.

01:18 Adélia: institucionalização do design no Brasil se deu de costas viradas pra as nossas tradições culturais e ao contrário dos países escandinavos ou da Itália, do Japão em que o design nasce do artesanato, aqui houve uma ruptura, um antagonismo entre esses dois campos. Essa situação começa a mudar nos anos 1980 e um dos atores chaves nessa transformação é o Renato Imbroisi. Uma coisa que distingue o Renato dos demais é que ele está 100% envolvido em design artesanal. Ele já fez projetos em mais de 200 municípios brasileiros e em 10 países do exterior.

01:59 Renato Imbroisi: em 97 eu fui contratado pelo Sebrae do Tocantins à iniciar esse projeto no Jalapão. Eu fiquei quase... quatro, cinco anos desenvolvendo uma série de oficinas no Jalapão e em várias comunidades. Eu tive a oportunidade de também conviver muito com a comunidade do Mombuca onde nasceu esse trabalho do capim dourado, porque é a dona Miúda que hoje já é falecida, foi ela que teve a ideia de trançar esse capim com uma técnica indígena.

02:38 Sempre fiz movimentos circulares pra não quebrar o capim, valorizando a costura com o Buriti porque é a fibra que eles sempre tiveram que é a fibra que vem da palmeira Buriti e eles fazem assim. Então, nesse caso desses colares aqui o que que eu aproveitei, a mesma coisa. O resto do capim dourado que é todo quebrado eles não sabiam essa técnica de trançar assim. O João que sempre foi junto comigo esse artesão lá de Brasília e ensinou várias técnicas de outros tipos de trançado pra eles. Então...se dá pra aproveitar o resto do capim que ia jogar fora.

03:26 Não é só um projeto só de criação do produto, eu fiz também muitas aproximações comerciais do Japão, do produto do capim dourado em grandes marcas aqui de São Paulo.

03:43 Realmente isso explodiu, o capim dourado como imagem, como produto. É a bandeira do estado do Tocantins é o capim dourado, então foi pra o mundo inteiro.

04:24 Eu e a Cris, vocês lembram da gente não lembram?

04:27 pessoas: sim.

04:28 Renato Imbroisi: a gente...trabalhou com vocês, vocês lembram em 2012. A gente tá aqui para contar um pouquinho da nossa história naquele ano o que que mudou da vida de vocês.

04:39 Maria Luiza - bordadeira: foi uma grande diferença de lá pra cá, porque a gente bordava mas não tinha assim um padrão de bordadinho e você chegou com a Cris, aí ensinou a gente...a gente aprendeu a riscar, aprendeu a bordar com mais perfeição, aprendeu se comportar o grupo.

05:00 Renato Imbroisi: vocês realmente tinham um bordado muito bom, de muito boa qualidade mas que precisava entender de todo o processo e construir um trabalho coletivo, uma ajudando a outra, uma contribuindo com a outra, uma fazendo uma função que a outra não faz.

05:20 Roze Silva - bordadeira: hoje o grupo compra o próprio tecido. A gente fizemos...bastante oficinas de risco pra que todas podem estar riscando, quando uma não pode a outra pode. O bordado a gente tenta no máximo qualificar todo mundo igual, porque todas somos iguais.

05:40 Cristina Baretto - designer: o que emocionou muito que existia uma qualidade maravilhosa e a gente foi conquistando esse espaço com vocês, então a gente foi pra o dia a dia. A Sônia era a mais brava, tinha umas outras mais bravas mas eu acho que a gente conquistou e assim, o meu maior resultado que eu me lembro foi quando a gente fez a exposição. vocês lembram da exposição do Museu A Casa? Que foi um sucesso absoluto, que vendeu tudo, que foi assim um reconhecimento muito grande desse ano de trabalho e lá eu percebi a mudança de todas vocês, a alegria que todas vocês estavam.

06:11 Renato Imbroisi: todo mundo aqui junto. Dá a mão aí Telma... junta mais, agora amassa. Pode amassar que tá todo mundo tenso.

06:21 Eu preciso trabalhar sempre com leveza, com alegria, com harmonia, então o que que a gente sempre faz exercícios rodas e rodas de...brincadeiras, de exercício, de massagem...

06:49 Cozinha ela... vai, agita.

Adélia: _____

07:00 Refogando...não, refogando então...

07:03 Renato Imbroisi: com essa história de eu brincar muito e fazer, numa coleção que eu fiz em 2008 na linha dos chefes de cozinha: vamos pra a panela todo mundo? Vamos. Então, vai mulher cozida, vai mulher assada, vai mulher grelhada, vai homem ensopado e elas entram.

07:31 No triângulo mineiro eu vi que numa região com mais de 90 tons de terra, pensei: vamos colocar o barro nelas inteira, nos artefatos inteiro pra ver a paleta de cores.

07:52 Em Barreirinha no Maranhão é assim, é onde tem o melhor Buriti, o trançado do Buriti, o Macramê do Buriti o melhor do Brasil tá ali. E tinha que associar o trabalho delas aquelas imagens dos lençóis maranhenses e então, brinquei: vamos todas de maiô, vamos lá pra os lençóis, descendo essas dunas, vocês vão se enrolar lá de cima.

08:22 Então a gente trabalha sempre com esse humor.

08:29 Tem uma coisa que elas acreditam no que eu estou falando e também pelo meu histórico todo eu mostro resultados e elas também veem resultados de outros grupos.

08:44 Mulheres que trabalham com couro de peixe, a gente fez esse trabalho em 2006 em Coxim no Mato Grosso do Sul e eu vi essas mulheres de pescadores, muitas pescam mesmo, não são só os maridos, elas pescam o peixe e elas curtem o peixe, não é que elas compram o peixe, já a pele curtida como alguns outros casos acontece. A ideia foi melhorar principalmente o que elas jogavam fora, esse resto precisava então ser costurado, cortado em tiras e ser costurado numa...numa lona. Então ficou uma bolsa cheia de franja do resto que elas jogaram fora e que isso chamou muito a atenção como produto de venda. Fora isso as flores que a gente fez, porque elas faziam...elas tinham o molde de flores... então a gente fez uma linha de broches e carteiras e tudo só com...com flores de couro de peixe.

09:51 Nós somos contratados por várias instituições Sebrae, Fundação Bradesco, Ministérios, SESC, enfim agora eu não vou lembrar todos mas são muitos...a equipe como um todo assim tem um grupo grande de pessoas que dependendo do projeto, então mas geralmente são também designers, arquitetos, fotógrafos, principalmente fotógrafos, designer gráfico, aí tem muitas instrutoras professoras que vão junto comigo ou professora de uma técnica específica como é o caso de uma técnica de pigmentos vegetais e tingimento vegetal.

10:44 Hisako Kawakami – consultora de tingimento vegetal: primeiro tem que preparar fios tecidos, lavar, tirar sujeira, todo tipo de goma e tal, depois... procurar matéria prima para tinta e cozinhar e fazer um tipo de chá. Esse chá pra tingir... esse macera aquela flor de campo, macera com a anirera misturando sai desse... verde claro. Bonito. Esse meio cinza...e verde, desse verde tinge com pétala de rosa. Pétala de rosa é várias cores, tem vermelho, branca, amarelo mas o pigmento é único, pode misturar todas cores. É muito bom pra a ecologia também.

11:43 Pois eu gosto desse trabalho tingimento natural.

11:57 Renato Imbroisi: Cerro Azul eu identifiquei muito essa comunidade que precisava mesmo de um produto novo. Primeiro começou com essa oficina de tingimento e depois eu comecei pensando nessa linha de produtos e eles trabalhavam com a palha de milho e uma coisa que eu achei bem interessante que eu não conhecia e que é a fibra de criciúma, que é uma fibra de um bambu bem fininho, que é muito brilhoso e sedoso assim que eles fazem os chapéus...O chapéu gente, aumentou a aba do chapéu, misturou essa várias cores, impactou muito pra elas. Aumentar só 10/12 centímetros na aba do chapéu e valer tão mais, mas é porque saiu daquele mercado e foi pra outro mercado.

12:55 Adélia: Renato ajuda as artesãs a participarem de feiras e traça estratégias pra colocar o objeto artesanal nas melhores vitrines, pra que esse objeto possa ser apreciado no seu devido valor.

13:17 Renato Imbroisi: com 19 pra 20 anos eu fui pra um povoado do Muquém, em Minas Gerais na Serra da Mantiqueira, eu tinha uma loja em São Paulo, eu tinha um ateliê em São Paulo e eu precisava produzir as minhas ideias.

13:48 Foi realmente o início de toda a minha trajetória, toda minha escola assim de trabalhar com artesanato, com mulheres, trabalhar com criação, inovação, com as matérias primas daqui, isso eu aprendi muito com a Noêmia hoje já falecida, a irmã da Eva.

TRANSCRIÇÃO – ÁUDIO: XX – POLO DE IMAGEM {DESIGNERS DO BRASIL – PROGRAMA RENATO IMBROISI}

14:10 A Noêmia era uma pessoa muito pra frente assim, muito brilhante. Eu vi um tapete dela com bambu. Eu vi que elas faziam pra o estrado da cama, elas faziam no tear com bambu. Aí eu disse: ah a gente pode agora ampliar isso. então, eu comecei a ver que materiais tem, a taboa, a palha de pilho, o junco, fibra da banana... então vamos começar a desenvolver uma linha de jogos americanos e aí vai.

14:47 Estendeu pra...pra muitos desenhos novos baseados na tradição que elas já faziam.

15:06 Minha avó era uma costureira do bairro da Urca no Rio e eu comecei a me interessar e brincar com o resto dos tecidos que ela produzia os vestidos pra as mulheres do bairro da Urca.

15:23 Na época eu tinha 16 pra 17 anos, fiz o meu primeiro tear que era um tear bem pequeno que eu fazia umas pulseiras. Aquilo me deu...começou a me dar retorno financeiro e eu comecei a viajar pelo Brasil levando esse tear muito pela...pelo nordeste, sai do Rio e fui pra Maranhão, Piauí, Ceará, Bahia levando e vendendo. Então aquilo me chamou muito a atenção na época. Eu vim morar em São Paulo com 19 anos e me formei na...numa escola Waldorf aqui em São Paulo na área têxtil e em 84 eu montei uma escola e uma loja de...tecelagem manual.

16:17 Meus cunhados eram muito amigos da Maureen Bisilliat que tinha uma loja que pra mim sempre foi, ainda é a grande loja de referência de um artesanato brasileiro e a maneira como elas expõe, a maneira de como ela valorizava tudo isso e valoriza até hoje. Ia frequentar, não tinha muita grana de comprar as coisas mas eu frequentava só pra ficar ali olhando que aquilo parecia um grande museu do artesanato brasileiro.

16:46 A gente não teve no Brasil uma coisa até hoje como tinha o Bode aqui em São Paulo na década de 80.

16:57 Maureen Bisilliat – fotógrafa e curadora: O que eu acho do Renato...por onde ele passa as coisas florescem. Ele chega numa região ele percebe, de potencial de material a ser usado... indaga o que as pessoas fazem, o que as pessoas sabem as tradições de lá e simplesmente, mas esse simplesmente quer dizer que ele tem muito...muita tradição. Ele...eu acho que ele faz crescer o que já tá sendo feito na região com ideias muito coerentes, muito dele...de uma maneira muito delicada porque sabe chegar... sem dominar, sem modificar. Mas eu acho isso de plenitude que toma conta.

18:17 Renato Imbroisi: eu fui contratado pela mulher do Mandela, pra dirigir uma escola de artes e ofícios em 2003. Eu fui, eu não conhecia a África, eu fui e eu dizia: olha, eu preciso conhecer o país, eu preciso conhecer a realidade daqui e eles me deram total liberdade, eu realmente viajei por Moçambique inteiro e vi que aquela comunidade tem muita banana, muito coco, muita matéria prima, já tinha uma escola. Como é que a gente vai juntar cinco oficinas mas que as oficinas se falem, aproveitam o resto...um resíduo de uma e completa a outra. E aí surgiu a oficina de (Marciene?) que tem papel artesanal, que tem tingimento vegetal, que tem tecelagem com resíduos, tem costura e bordado.

19:27 E falando desses projetos mais a longo prazo, a gente só consegue ver resultados melhores se a gente tem pelo menos uns três ou cinco anos em cada localidade. Moçambique a gente ficou dez anos. Em São Tomé e Príncipe a gente ficou praticamente quase dez anos.

19:48 Adélia: eu tenho acompanhado de perto essa transformação que tá ocorrendo nos quatro cantos do Brasil de revitalização do objeto artesanal. É muito interessante ver que essa revitalização ela tá plenamente sintonizada com os preceitos do desenvolvimento sustentável. Ou seja, ela tem uma dimensão ambiental muito boa, dimensão econômica dando mais renda pra essa população, dimensão social melhorando a autoestima e a inserção social dessas pessoas e uma dimensão cultural. Agora, no meio de iniciativas muito boas há também aquelas em que o designer chega nas comunidades levando algo pronto, um verdadeiro monólogo e não um diálogo. O Renato não, o Renato é um designer, quase que um facilitador, uma pessoa que extrai dos artesãos o que de melhor eles tem pra dar num processo que é sempre participativo.

20:44 Renato Imbroisi: Então é sempre muito importante juntar os familiares todos pra explicar o projeto, porque senão muitos deles ficam achando que a gente tá trabalhando, as mulheres estão trabalhando muito e o resultado...reclama muito, então eu acho importante muito explicar isso pra a família como um todo.

21:05 A gente tem sim muitos casos de empoderamento da mulher com uma grande liderança, mulheres que fizeram a diferença e que um ou outro o marido não acreditava tanto e que depois acabou entrando e... e validando e... e respeitando.

21:30 O exemplo dos panos de prato lá de Brasília era assim...era a mulher sozinha trabalhando, o marido desempregado e durante muito tempo ela era que gerava a renda familiar e ele acabou ajudando nas entregas, na distribuição, na compra de matéria prima. A Rose é um outro caso. Eu fiquei seis anos pra conseguir fazer um trabalho com as folhas moeda. Uma folha do cerrado muito dura. Elas esqueletizam a folha e depois eu queria que crochetasse a borda da folha e não era qualquer uma que conseguia crocheter ou mesmo fazer um painel só dessa folha. Depois de seis anos a Rose agarrou isso, ela montou a empresa, o marido trabalhava pra ela, as filhas e tudo, ela envolveu a família como um todo. Mudou a vida realmente dela, hoje ela vive dessa marca Flor do Cerrado.

22:38 Adélia: outra vertente do trabalho do Renato é a curadoria de exposições que tem ajudado o público em geral a ter uma percepção consciente melhor sobre o valor do objeto feito a mão aqui no Brasil.

22:54 Renato Imbroisi: Chita Bacana foi uma exposição que tinha dois mil e tantos metros quadrados, foi no Sesc Belenzinho. Você passeava e você contava a história de como esse tecido chega no Brasil e, a gente envolveu muitas comunidades. O Muquém fez peças de fuxico, a colcha principal da entrada tinha mais de 23.000 fuxicos.

23:23 Também no Belenzinho eu consegui realizar recentemente a exposição Renda Brasileira.

23:30 A renda tá cada vez sendo mais usada, cada vez sendo mais valorizada mas as pessoas pouco conhecem quem são as pessoas que fazem essa renda. Fiz questão da gente ter uma oficina com essa várias artesãs. A gente ficou dois meses dando aulas de renda, renda renascença, irlandesa, bilro, frivolité, inhanduti...

24:05 De todos os projetos que eu já fiz durante esses 30 anos o desenho é deles. Assim, eu estou ali pra conduzir, pra dirigir, pra ajudar a...a entrar num caminho assim de que cada um acredito que tem de melhor de cada um deles. então eu sou mero condutor assim sabe.

24:36 É um luxo ter um prazer de trabalhar com isso que eu faço e eu me completo assim com o trabalho com certeza. Me completo muito quando eu consigo ter esses bons resultados pra essas várias pessoas, porque eu sei que eu estou mexendo com muitas coisas que não é só o produto final, eu estou mexendo muito com a autoestima dessas pessoas, eu estou mexendo muito nas relações entre elas e seus familiares, eu estou mexendo também num...nesse novo olhar, porque um vez uma amiga me falou: Renato, mas você mexe no olhar das pessoas pelo Brasil onde você passa, as pessoas começam a ver diferente o que elas fazem. (pausa) **(final do programa).**

25:28 Créditos Finais